
A imigração italiana nas grandes cidades brasileira (Núncia Santoro de Constantino)

Núncia Constantino é professora no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestre em Educação, pela mesma universidade, e doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo. É autora de livros e artigos sobre a imigração italiana no Brasil. Este livro faz parte da coleção “Il Brasile Italiano: 500 Anni di Storia”, tendo sido editado em português e em italiano.*

Desde a Antigüidade Clássica, a Península Itálica participou ativamente das saídas de pessoas para o Ocidente. E este livro tem como proposta, apresentar um amplo e elucidativo painel sobre a presença dos italianos nas cidades brasileiras, no qual a autora procura considerar as suas intervenções no processo histórico político e cultural, na formação do povo deste nosso país.

Núncia Constantino inicia o livro citando Ítalo Calvino: “Porque nossa cidade não é esta ou aquela. São todas as possíveis. Mais do que desejos ou sinais, nossa cidade é memória e tem nome”. Com base nessa citação, a autora diz que o nome da cidade dos imigrantes italianos no Brasil é São Paulo, cidade que concentra o maior número de imigrantes. São Paulo sofreu importantes influências italianas, visto que, em 1902, o escritor e político mineiro Aureliano Leite afirmava desconhecer cidade mais italiana que São Paulo, dizendo: “Aqui, mais se ouve o idioma de Dante do que a língua de Camões”. E até hoje se percebe o quanto a cultura italiana marca sua presença, pelas festas típicas e religiosas, pelas cantinas e restaurantes, mas principalmente pelo sotaque cantado do paulistano.

* CONSTANTINO, Nuncia Santoro de. *Italiano na cidade: a imigração itálica nas cidades brasileiras*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2000; *Gli Italiani nelle Città: l’immigrazione italiana nelle città brasiliane*. Perugia: Edizioni Guerra, 2001.

O livro está organizado em três partes, por onde a autora percorre, de forma cronológica, a história do imigrante italiano no Brasil, citando os acontecimentos importantes, com as datas, profissões e sobrenomes. É um registro minucioso dos *oriundi* da Itália, no processo histórico brasileiro, até meados do séc. XX, não incluindo aqueles que aqui chegaram no pós-guerra.

A primeira parte do livro, que tem o título de “A presença precoce”, inicia no Brasil-colônia. Constantino detalha a formação das cidades, que se concentravam no litoral, e os obstáculos encontrados para poderem desenvolver-se, devido à falta de mão de obra. Descreve também as dificuldades encontradas para o ingresso do elemento estrangeiro no país, que era rigorosamente controlada pela autoridade colonial. Portanto, a presença do imigrante, nessa época, era escassa e restringia-se a profissionais especializados, como os religiosos, técnicos, artistas ou militares.

Em 1558, os padres jesuítas foram os primeiros italianos que aqui chegaram, e, em 1625, chegou uma frota de militares com a finalidade de expulsar os holandeses do nordeste. Entretanto, os artistas e engenheiros só foram bem-vindos com a chegada da Família Real.

A Colônia começou a expandir-se, e as forças econômicas, intelectuais e também os italianos, foram cada vez mais atraídos por esse processo de desenvolvimento. Tanto que em 1815, por ordem de D. João, a Capela Real teve organizado seu corpo de músicos, constituído por executores e cantores, incluindo os *castrati* napolitanos, ou seja, homens castrados com a finalidade de manterem o tom feminino de voz.

D. Pedro deu o grito de Independência, um ato político, e também social. E para poder atender aos novos grupos sociais e políticos, o Teatro São Pedro, no Rio de Janeiro, abriu suas portas para grandes espetáculos teatrais, que eram executados pelos artistas italianos aqui estabelecidos, ou das companhias teatrais vindas da Europa.

A nova sociedade do Rio de Janeiro foi ocupando cada vez mais o espaço privilegiado das elites, tanto que, em 1830, passaram a conhecer a Confeitaria Francioni, e nela saborearam as delícias dos sorvetes. Assim, a sede do reino, cada vez mais, foi tomando a forma de uma cidade européia.

Com o início do segundo reinado, e tendo D. Pedro II, em 1842, tomado por esposa dona Teresa Cristina, uma princesa napolitana, a relação do Brasil com a Itália foi fortalecida, tanto na política, quanto no mercado interno e externo.

Na segunda parte do livro, intitulada “Colonização e imigração”, Constantino aponta para a repercussão dos fluxos imigratórios nas cidades e no campo, na virada do séc. XX. Dados de pesquisa mostram que, entre 1887 e 1920, os italianos em São Paulo representavam 46% da população.

Em consequência desse elevado número de imigrantes, houve, em São Paulo, a necessidade da criação de um órgão de colocação dos trabalhadores, tanto na capital quanto no interior, a “Sociedade Promotora da Imigração”. E, em 1876, iniciou-se um processo de “organização” em torno da imigração, processo esse que esteve sob a influência de concepções divergentes: sendo uns a favor da imigração para solucionar a escassez populacional, outros buscavam mão-de-obra para a lavoura, em substituição aos escravos.

A autora faz um relato sobre o trabalho no campo, nas plantações de café, onde famílias inteiras, das crianças pequenas até os idosos, iam para a lavoura de sol a sol. E considera a concentração dos imigrantes na cidade um fenômeno de enormes proporções.

Descreve a vida dessas famílias, que viviam em cortiços, sem condições básicas de higiene, das suas lutas, lutas para sobreviver, e também das lutas de classes. Tanto que, em 1870, apareceram as ligas operárias, que eram os embriões de sindicatos, que usavam da greve como instrumento de pressão contra o abuso dos patrões.

Em 1880, na Itália, completo o processo de “Unificação”, desenvolveu-se uma grave crise econômica, atingindo principalmente a produção agrícola, e, de fato, desestabilizando todo o país. Com a falta de emprego e de comida, houve uma emigração em massa, milhares de italianos saíram em busca de uma vida melhor.

Na década seguinte, 1890, aqui no Brasil, o movimento anarquista italiano ganhou força, com sua imprensa ativa, sendo os jornais o veículo de divulgação das idéias socialistas, dos movimentos operários, das atividades sindicais, das greves, tanto que, em 1917, uma greve geral paralisou a capital paulista.

Na terceira parte, “Meridionais de norte a sul”, a autora, pelo seu conhecimento histórico, e a arte de bem contá-lo, vai tratar do imigrante urbano, passando por várias cidades e estados, desde o Amazonas ao interior do Rio Grande do Sul. Narra as peculiaridades, que os igualam e os diferenciam, pois são de várias regiões, do norte ao sul da Itália, com dialetos próprios de cada lugar de origem, com os costumes e as habilidades específicas para os mais diversos tipos de trabalho.

Contudo, alguns conseguiram “fazer a América”, visto que em termos de estratificação social, muitos imigrantes e seus descendentes construíram a classe média urbana, outros tiveram muito sucesso econômico, com o comércio e a indústria.

Realizaram o sonho dos antigos itálicos, sonho que os fizeram “enfrentar o Mar Tenebroso, dando início a uma aventura humana, em 1291, com Ugolino e Vadino Vivaldi, quando partiram de Gênova, venceram o Estreito de Gibraltar, navegando até as Canárias ...”, como é dito no prefácio desse livro.

Realizaram o sonho ..., é poético assim dizer. Acredito que apesar da dor sentida ao sair de seu país de origem, e de encontrarem uma empreitada difícil, que lhes custaria fadiga, humilhação e desespero. Tanto que muitas vezes viviam aqui em situação de pobreza tão grande quanto a que lhes era imposta na Itália. Mas, realizaram o sonho. Sonho, de poderem trabalhar e construir uma família com dignidade.

Maria Silvia Micelli do Carmo*

* Universidade de São Marcos, São Paulo.